

Capítulo 9

Que roda é que se conta? A escrita narrativa na formação permanente

Which wheel matters? Narrative writing in in-service education

¿Qué rueda es la que se cuenta? La narrativa escrita en la formación permanente

Aline Machado Dorneles, mestre em Educação e Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Endereço: Rua Dr. Vaz Dias Júnior, 495 – Bairro Cassino. CEP: 96205-080 – Rio Grande, RS. Telefone: (53) 8409-1468. E-mail: lidorneles26@gmail.com.

Maria do Carmo Galiuzzi, doutora em Educação e professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde na Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Endereço: Av. Itália, km. 8 s/n – Campus Carreiros. CEP: 96201-900 – Rio Grande, RS. Telefone: (53) 3236-5208. Email: mcgaliuzzi@gmail.com.

Resumo

Este trabalho apresenta, a partir do quinteto dramatístico de Burke (1969), os cenários representados nas histórias de sala de aula narradas por seis professoras de Química participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). As histórias foram narradas mensalmente em ambiente virtual de aprendizagem. Analisam-se 48 histórias de cinco professoras. Apresentam-se as cenas, os agentes e os atos das histórias de sala de aula de cada cenário. Da análise, configura-se a Roda de Formação permanente por meio de três cenários diferentes: a situação-problema, o processo formativo do professor com o licenciando

e as atividades experimentais. Argumenta-se sobre a potencialidade da narrativa da sala de aula na formação de professores, pois representa a possibilidade do registro de um processo de formação na perspectiva de diferentes agentes. Esse registro mostra o processo de formação, a sala de aula dessas professoras, as teorias que dão base à ação pedagógica dos participantes e, ao ser lido e problematizado, configura-se como dispositivo de formação pela narrativa.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Histórias de Sala de Aula. Rodas de Formação.

Abstract

This paper, based on Burke's dramatism quintet (1969), presents the scenarios which are represented in the class stories narrated by six Chemistry teachers who take part in the Institutional Scholarship Program for Teacher Initiation (PIBID), an institutional program of teacher education that articulates in-service teachers, students of teacher education and professors. These stories were narrated monthly in a virtual learning environment; forty eight were analyzed. The scenes, agents and acts of each scenario revealed by the class stories were presented. The analysis led to the in-service education wheel through three different scenarios: the problem situation, the teacher education process and the experimental activities. The potentiality of class narrative in teacher education is defended, since it enables the recording an education process from the perspectives of different agents. This recording illustrates the teachers' education process, their classes and the theories that underlie their pedagogical practice. Besides, when the stories are read and also problematized, they become a tool for teacher education through narrative.

Keywords: Narrative Research. Class Stories. Education Wheels.

Resumen

Este trabajo presenta, a partir del quinteto dramático de Burke (1969), los escenarios presentados en las historias del aula contadas por

seis professoras de Química que participan del Programa Institucional de Beca de Iniciación a la Docencia (Pibid). Las historias fueron narradas mensualmente en un entorno virtual de aprendizaje. Fueron analizadas 48 historias de seis professoras. Se presentan las escenas, los agentes y los actos de las historias del aula para cada escenario. Del análisis, se configura la Rueda de Formación permanente por medio de tres escenarios distintos: la situación problema, el proceso formativo del docente con el alumno y las actividades experimentales. Se argumenta sobre la potencialidad de la narrativa en el aula en la formación de profesores, ya que representa la posibilidad del registro de un proceso de formación desde la perspectiva de diferentes agentes. Este registro muestra el proceso de formación, la clase de esas professoras, las teorías que sustentan la acción pedagógica de los participantes y, al ser leído y problematizado, se configura como dispositivo de formación por la narrativa.

Palabras clave: Investigación Narrativa. Historias del Aula. Ruedas de Formación.

Introdução

Este artigo tem por objetivo compreender a formação do professor de Química a partir de um grupo de formação permanente que constitui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) na Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Este trabalho decorre de uma pesquisa mais ampla, que envolve compreender a formação permanente e as teorias sobre a prática docente. Trata da análise de histórias de sala de aula de seis professoras participantes do Pibid. Apresentam-se os três cenários que emergiram, até o momento, das 48 histórias de sala de aula narradas durante o ano de 2009¹.

As histórias foram narradas mensalmente em ambiente virtual de aprendizagem, por meio da plataforma *moodle*². Nesse espaço, ocorre o registro das atividades do Pibid, em que participam professores experientes do ensino básico, licenciandos e professores da universidade. Narram no Álbum de Histórias de Sala de Aula uma história por mês e dialogam com a história do outro, em um exercício de escrever sobre o que a história do outro o fez pensar.

¹ O Pibid está sendo desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande desde 2009; atualmente, 10 cursos de licenciatura fazem parte do programa, entre eles, o curso de licenciatura em Química Licenciatura.

² O *moodle* é um software livre usado para produzir e gerenciar atividades educacionais, possibilitando a interação entre professores e estudantes da graduação.

O texto, inicialmente, discute a ação de contar histórias como dispositivo para a produção de sentidos nas Rodas de Formação. Busca-se relacionar a escrita narrativa a partir das contribuições de Suárez (2008). Esse autor argumenta que a pesquisa narrativa na formação de professores precisa ser desenvolvida como forma de documentar, reconstruir, questionar e tornar críticos os sentidos e as compreensões dos docentes sobre as práticas educativas. Em um segundo momento, busca-se apresentar os cenários que emergiram, até o momento, da análise das histórias de sala de aula das seis professoras participantes do grupo de formação permanente a partir do quinteto dramático de Burke (1969), que possibilita pensar e interpretar a ação humana, neste caso, uma história. Esse exercício de análise das histórias possibilitou perceber diferentes cenários em que a sala de aula é apresentada como um espaço significativo, em que são explicitados dilemas, desafios, aprendizagens e questionamentos que as professoras experientes encontram durante suas práticas pedagógicas.

As histórias de sala de aula, quando contadas em Rodas de Formação, possibilitam a constituição de cenários que representam esse processo formativo. Assim, acredita-se na potencialidade da escrita narrativa, pois ela favorece que os saberes e as teorias da sala de aula sejam narrados por professores experientes do ensino básico, licenciandos e professores da universidade. Nas partilhas e conversas com outras histórias, percebe-se a criatividade e emoção de contar cenas que configuram a sala de aula como espaço significativo e prazeroso de ser e tornar-se professor de Química.

A ação de contar histórias nas Rodas de Formação

Exercitar a escrita narrativa na formação permanente do professor é uma forma de pensar, repensar e refletir a respeito da sala de aula, das práticas pedagógicas e da vida profissional. Nesse sentido, o projeto Pibid-Furg aposta na escrita de histórias da sala de aula como modo de o professor compreender-se em formação, buscando perceber melhor as teorias que suportam sua prática pedagógica.

Acredita-se que contar histórias em Rodas de Formação (SOUZA, 2010) favorece a partilha de experiências, proporcionando

ao outro que lê pensar e refletir sobre sua formação (WARSCHAUER, 2001). O diálogo com o outro e com si próprio intensifica o processo de formação do professor, pois, nessa partilha de saberes e escritas, encontram o sentido de exercer a profissão de educador.

A escrita narrativa é uma das ferramentas culturais adotadas para compreender o processo de formação do professor. Além disso, é um enfoque particular de pesquisa, que procura envolver o professor, sendo ele, na maioria das vezes, o ator do enredo a ser pesquisado. Os docentes que narram histórias tornam-se atores educativos envolvidos na ação, interpretando suas práticas profissionais por meio das narrativas (SUÁREZ, 2008).

Entende-se que o ato de contar e escrever histórias faz parte da ação humana; começa desde a infância, quando histórias são imaginadas, contadas e ouvidas com atenção. Como as histórias constituem os sujeitos, percebe-se que o exercício de contar as lembranças por meio da narrativa torna-se agradável e pode facilitar o desejo pela escrita.

A escrita narrativa, quando desenvolvida nas Rodas de Formação, pode proporcionar ao professor explicitar, em cada história, cenas mais detalhadas da sua sala de aula, expressando sua inventividade e autoria. Ao contar o fato narrado, pode também dialogar e partilhar suas experiências.

Nesse sentido, busca-se compreender o ato de escrever histórias de sala de aula nas Rodas de Formação a partir da definição de ação simbólica, como uma compreensão sobre a composição dos textos, nesse caso, as histórias. Uma compreensão que destaca não o que as histórias a princípio são, mas o que acontece nas histórias que as tornam diferentes umas das outras (PASSOS, 1998; WERTSCH; DEL RÍO; ALVAREZ, 1998).

A presença do conflito, do propósito, da reflexão e da escolha presentes nas histórias possibilita que os professores, pela narração, façam o exercício de simbolizar sua sala de aula, pois, segundo Bruner (2001), o que contamos nas histórias nunca é por acaso. A história é

motivada por desejos, teorias, valores e outros estados intencionais. Nesse movimento, percebe-se a ação dramática de Burke (1969), que permite, por meio do quinteto dramatístico, a investigação dos motivos envolvidos no desenvolvimento de um largo espectro de ações humanas (PASSOS, 1998; WERTSCH; DEL RÍO; ALVAREZ, 1998).

O dramatismo engloba observações deste tipo: para haver um ato, deve haver um agente. Paralelamente, deve haver uma cena na qual o agente age. Para agir em uma cena, o agente deve empregar alguns meios, ou instrumentos, e pode ser chamado de um ato no sentido amplo do termo somente se envolver um propósito (BURKE, 1969 *apud* WERTSCH; DEL RÍO; ALVAREZ, 1998, p. 22).

Entende-se que a ação de narrar histórias envolve as características presentes no quinteto dramatístico de Burke: ato, cena, agentes, instrumento e propósito. Assim, na escrita de uma história, essas características apontadas por Burke facilitam a compreensão sobre o que está sendo narrado. Percebe-se que a cena narrada deve ser envolvente, pois será o principal elemento dessa história, da mesma forma que o ato e os agentes que pertencem à cena. Dessa forma, Burke (1969) destaca:

Uma “cena” no sentido de conjunto, ou pano de fundo, e “ato” no sentido da ação, pode-se dizer que a “a cena contém o ato”. E usar “agentes” no sentido de “atores”, Pode-se dizer que “a cena contém os agentes” (BURKE, 1969 *apud* WERTSCH; DEL RÍO; ALVAREZ, 1998, p. 25).

As categorias descritas por Burke não são estáticas e formais a ponto de poderem ser usadas para descrever a ação do sujeito como única na história que se escreve. Ao contrário, compreende-se que a ação é muitas vezes, se não sempre, aberta a interpretações mais profundas, porque existem ambiguidades ao levar em consideração os elementos que interagem dialeticamente (WERTSCH; DEL RÍO; ALVAREZ, 1998).

No sentido de contribuir com o exposto acima, Soares (2010) fala que o ator vai descobrindo a arte de escrever histórias escrevendo-as. Mas existem elementos que precisam estar presentes para que a narrativa seja clara e coerente. Assim, ele destaca que o início de

uma história precisa apresentar seus personagens (sendo que outros poderão surgir no decorrer da narração), o espaço (o lugar onde a história acontece) e o tempo (quando os fatos aconteceram).

Compreender o processo de formação permanente de professores por meio das histórias de sala de aula é possibilitar diferentes olhares e interpretações diante das cenas narradas, por isso a importância do diálogo dos professores com a história, pois potencializa o formar-se e a tarefa de formar professores a partir das experiências compartilhadas de práticas docentes. Quando narram sua sala de aula, os professores estão construindo o sentido de pertencer ao espaço escolar, valorizando-se enquanto profissionais da educação. Dessa forma, Suárez (2008, p. 114) escreve que os professores:

[...] quando conseguem se posicionar como “antropólogos” de sua própria prática, quando conseguem distanciar-se dela para torná-la objeto de pensamento e podem documentar alguns dos seus aspectos e dimensões “não documentados” percebem o que sabem e o que não conhecem ou não sabem nomear.

Portanto, torna-se relevante disponibilizar as histórias de sala de aula dos docentes narradores, pois isso possibilita a reconstrução da memória pedagógica da escola e de suas práticas educativas em um determinado tempo histórico (SUARÉZ, 2008).

Acredita-se que o Álbum de Histórias do Pibid possibilita que professores experientes do ensino básico, licenciandos e professores da universidade contem suas histórias e aprendam juntos e, nessa rede, valorizem sua ação docente e transformem sua sala de aula.

As histórias das professoras narradoras

No exercício de perceber que a sala de aula foi narrada pelas seis professoras, publica-se, durante a análise, fragmentos de suas histórias, pois se acredita que as narrativas são significativas para pensar e compreender o processo de formação em que as professoras são autoras e narradoras de sua prática docente. Nesse sentido, Suárez (2008, p. 144) destaca que:

No processo de escrita, os docentes se convertem em autores de seus relatos pedagógicos e histórias escolares, ao mesmo tempo em que mostram os saberes profissionais e as compreensões sociais que colocam em jogo, cotidianamente, em suas práticas educativas, reconstruindo-as ao relatá-las. Transformam-se em narradores de suas próprias experiências pedagógicas.

Dessa forma, analisam-se as 48 histórias de sala de aula das seis professoras narradoras a partir do quinteto dramático de Burke (1969), que possibilitou olhar nas histórias a cena (quando e onde foi feito), o agente (quem fez), o ato (o que foi feito), o propósito (por que foi feita essa história) e o instrumento (como foi feita a narrativa). Essa análise possibilitou perceber as características de cada história, a sala de aula de cada professora, como podemos observar na história da professora Ana, que narra a seguinte situação:

Entrar em uma sala de aula para trabalhar com química, uma das disciplinas mais detestadas pelos alunos, não é tarefa fácil e se torna ainda mais difícil quando temos que competir com celulares, MP3 e muitos outros atrativos que os alunos utilizam como gênero de primeira necessidade. Onde está o segredo para motivar um aluno que trabalha o dia todo e chega em sala de aula para tirar um sono? O que fazer com aqueles que repetem inúmeras vezes o mesmo ano? Devemos pedir socorro ou nos odiar por ter escolhido esta profissão? Colegas, compartilhem comigo sobre estes temas. Gostaria de saber qual seria seu ponto de vista sobre estas questões (abr. 2009).

Essa história tem como cena a sala de aula de Química do noturno, uma disciplina detestada pelos alunos, em que o professor compete com aparelhos eletrônicos para prender a atenção dos alunos. A história não situa o tempo do narrado. Percebe-se que o agente é a professora, que tem como propósito dialogar sobre os desafios que encontra na sala de aula. O ato que caracteriza essa história são os questionamentos que a professora faz diante dos desafios encontrados. Ela apresenta a sala de aula como um cenário pouco motivador para o professor, faz questionamentos a respeito de alguns aspectos da sala de aula e chama os colegas para dialogar sobre seus dilemas. Levando em conta esses instrumentos de que se apropria para contar sobre sua sala de aula, observa-se que ela não encontra solução para situações que apresenta na história.

Na análise das histórias de sala de aula contadas pelas seis professoras, observa-se que algumas histórias tinham o mesmo cenário em comum, diferenciando-as por suas cenas, seus agentes e seus atos. Dessa forma, realizou-se um exercício de aproximar os cenários semelhantes nessas histórias, sendo que algumas professoras narradoras participam de alguns cenários e de outros não.

Os cenários que emergiram, até o momento, da análise são: situação-problema, processo formativo do professor com o licenciando e aulas experimentais. Procura-se perceber a sala de aula que está sendo contada e apresentar um argumento para defender as Rodas de Formação e a escrita das histórias como possibilidade de formação permanente de professores.

Cenário um: situação-problema

O grupo de formação permanente planejou, durante o ano de 2009, Unidades de Aprendizagem (UA)³ a respeito de temáticas relevantes sobre a cidade do Rio Grande ou mesmo de maior abrangência. Como proposta inicial, foram desenvolvidas situações-problema com enfoque na Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), baseadas na proposta do Grupo Argo de Renovação Educativa. Participaram do planejamento e da elaboração das situações-problema professores experientes do ensino básico, os licenciandos e professores universitários da área de Química Licenciatura.

As situações-problemas, segundo Auler (2007, p. 3), são:

[...] de problemas abertos, cuja decisão terá importantes consequências sociais. Para que o caso permita uma efetiva participação dos alunos na resolução trabalhamos com uma notícia simulada que permita a participação de vários atores sociais (representados pelos alunos) com posturas, interesses e valores distintos. A situação-problema simulada deve permitir analogias com problemas reais.

Nesse sentido, o grupo de formação permanente no Pibid planejou situações-problema com duas temáticas: gripe Influenza A e automedicação e a carência energética da cidade do Rio Grande.

³ As Unidades de Aprendizagem são modos de planejar, elaborar e organizar os trabalhos em sala de aula. Constituem excursões em discursos sociais, especialmente científicos, com intensa participação de professores e alunos (GALIAZZI; GARCIA; LINDEMANN, 2004; MORAES e GOMES, 2007).

A experiência de planejar situações-problemas em Rodas de Formação foi narrada por cinco professoras no ambiente virtual de aprendizagem no Álbum de Histórias. As professoras narram histórias que expressam a partilha de experiências sobre ser professor e sobre a parceria com os licenciandos durante o desenvolvimento das situações-problema, como segue:

A professora Ana conta que:

[...] aplicamos a situação problema na nossa turma. A princípio, achei que as apresentações não seriam nada boas. No meu ponto de vista os alunos não estavam se esforçando muito, não havia organização e nem muito interesse. Mas, na data marcada lá estavam eles, esforçados, organizados e interessados! Mas porque não tive essa impressão antes? Claro, para eles trabalhar em grupo é bem diferente daquilo que eu imagino. A dinâmica que eles adotam é outra[...]. Falam ao mesmo tempo, pesquisam vários assuntos ao mesmo tempo, usam vários recursos ao mesmo tempo... E no final elaboram ótimos trabalhos. Fiquei surpresa com o que assisti, em todos os sentidos. Senti orgulho do trabalho que estamos fazendo com esses alunos (jul. 2009).

A professora apresenta como cena o desenvolvimento da situação-problema na sala de aula que realizou em parceria com a licencianda. Os agentes dessa narrativa são os alunos, a professora e licencianda. Como ato, apresenta o excelente trabalho desenvolvido pelos alunos, apesar da dinâmica deles, que fazia com que a professora descreditasse dos resultados da atividade. O resultado final fez a professora sentir-se orgulhosa pelo trabalho desenvolvido conjuntamente com a licencianda, o que reflete, de certa forma, o processo de formação. Um cenário de alunos agitados e compromissados foi colocado nesse relato. A professora, por não estar acostumada a esse tipo de atividade, desacredita da atividade e de seus resultados. É surpreendida na finalização pelo envolvimento dos alunos.

Um cenário semelhante aparece na história da professora Carmem, que apresenta a seguinte cena: “[...] a aplicação da unidade em duas turmas do curso normal. Na primeira aula apresentei o tema na sala de multimídia, dividi as turmas em setores da sociedade. Na

segunda aula, fomos para o laboratório de informática [...]”. Como ato, conta que:

Como são turmas de futuras professoras dos anos iniciais, combinamos que cada setor deveria preparar uma apresentação criativa. O primeiro setor que representava os cientistas foi muito interessante. Outro grupo, representando uma ONG fez uma pequena peça teatral. Fiquei muito empolgada! Mas chegou o momento dos setores que não se engajaram, não levaram a sério. Apenas baixaram a cabeça e mal leram as questões, não se posicionaram (jul. 2009).

Nessa história, os agentes são as alunas do curso normal e a professora. Ela relata o desenvolvimento da situação-problema, o envolvimento e a criatividade de algumas alunas em apresentar o grupo e a desmotivação de outras com a proposta. O cenário é parecido: uma sala de aula de ensino médio, aqui um curso de formação de professoras, em que uma atividade estruturada de forma diferente pela professora poderia ser uma fonte de motivação. Mas não o foi para todas; algumas alunas não levaram a sério o trabalho proposto. A desmotivação dessas alunas desaponta a professora.

A professora Édina conta que o desenvolvimento da situação-problema se deu em parceria com seus licenciandos. Apresenta a cena e o ato quando conta que:

Na turma do Proeja formamos dois grupos em função das respostas contra ou a favor. Na aula seguinte eles deveriam trazer material para fundamentar seus argumentos para o debate, no entanto, apenas uma aluna compareceu. Trabalhamos então exercícios [...] Na semana seguinte, todos compareceram, formou-se uma roda para o debate. Eles mostraram-se bastante interessados, apresentaram argumentos fundamentados e não apenas intuitivos. Trouxeram relatos de experiências pessoais. Havia acabado o tempo e eles ainda estavam falando (jun. 2009).

Esse cenário, embora semelhante aos anteriores, é de uma sala de aula do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) em uma escola técnica. Mostra um descompasso ainda maior do que nas cenas anteriores. No dia do trabalho, apenas uma aluna

compareceu. A professora precisou mudar o planejamento. Somente em outra aula, à qual todos compareceram, é que conseguiram fazer uma roda de debate e desenvolver a situação-problema. Os atores envolvidos foram a professora, os licenciandos e alunos do Proeja.

A professora Inês conta o seguinte ato:

Quando comecei a conversar com os alunos que faríamos pesquisas, debates (audiência pública), que criaríamos para o trabalho os setores sociais onde eles seriam os atores, não consegui me expressar de forma clara, até por que parecia que nem eu estava entendendo como funcionava uma situação-problema. E assim tudo começou. Fizeram o trabalho de pesquisa durante uma semana (nas 3 aulas da semana e fora do horário de aula) e na semana seguinte fizemos a audiência. No início tudo muito parado, porém com o decorrer da audiência eles assumiram seus papéis e o trabalho fluiu muito bem (jul. 2009).

Percebe-se, nessa história, uma cena em que a professora não consegue explicar a atividade a ser desenvolvida. Ela mesma afirma não saber o que é a situação-problema. A cena transcorre depois disso, na avaliação da professora, de forma muito boa. Os agentes da história são a professora e os alunos.

A última história de sala de aula desse cenário é da professora Carla, que narra a seguinte cena:

[...] uma quarta-feira (15/07/2009), vivenciamos a penúltima etapa da Unidade de Aprendizagem na turma 101 da Escola Bibiano de Almeida. [...] estava ansiosa, os setores colocaram sua opção, justificaram e após tiveram direito a perguntas. Apresenta os agentes e o ato quando conta que. Todos os setores se organizaram e um dos alunos que também faz outro curso e falta algumas aulas do ensino regular, foi realmente surpreendente usando muito bem seus argumentos e perguntas bem formuladas.

Observa-se, nessa história, que a professora está ansiosa pela atividade a ser apresentada. A cena narrada coloca atividades importantes: justificativas, perguntas, organização, argumentos. O ato narrado destaca a ação de um aluno no desenvolvimento da situação-

problema, mas os demais alunos estão organizados com outro propósito da atividade: a produção de argumentos.

As professoras e os alunos buscam, com o desenvolvimento de situações-problema, a possibilidade de criar em aula cenários democráticos, nos quais a tomada de decisão possa ser exercida frente ao problema colocado, aceitando a proposta que tenha sido defendida com os melhores argumentos. Isso porque o objetivo da atividade com um enfoque CTS foi o de trabalhar com os alunos a importância da tomada de decisão de cada um para uma sociedade melhor.

Este cenário retrata de outra forma o planejamento coletivo nas Rodas de Formação. Configura-se quando as professoras apresentam nas suas histórias os agentes envolvidos, os alunos, buscando argumentos para a tomada de decisão em uma situação conflitante. Nesse cenário também existem licenciandos que partilham experiências no desenvolvimento das atividades na escola junto a um professor experiente. O contrário também é verdadeiro. Os licenciandos são um impulso para o professor que, pela estrutura da escola, pela elevada carga horária e pelo número de alunos, geralmente apresenta a mesma sala de aula.

Do narrado, constata-se o que emerge desse cenário, que são cenas diferentes do usual. Alunos motivados, licenciandos em sala de aula, professoras ansiosas, de um lado. De outro, alguns alunos desmotivados e ausentes. Nesse cenário, como pano de fundo está a formação em Roda possibilitada pelo Pibid. As histórias mostram professores do ensino básico, licenciandos e professores da universidade conversando sobre propostas para a sala de aula e seus desafios.

Cenário dois: processo formativo do professor com o licenciando

Os licenciandos do curso de Química Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande iniciam os estágios supervisionados na escola a partir do 2º ano do curso. Isso possibilita um convívio maior com o professor da educação básica. Essa relação dos professores experientes

do ensino básico com os professores iniciantes foi intensificada no Pibid, quando os professores da universidade promoveram um espaço de mediação e formação.

Nas Rodas de Formação do Pibid, os professores do ensino básico, licenciandos e professores da universidade dialogaram, planejaram, escreveram e refletiram sobre suas experiências pedagógicas. Nesse espaço, tramaram sua história por meio das partilhas. Cada um, com sua história individual, suas características e seus talentos singulares, contribuiu para a construção partilhada de um mesmo cenário formativo entre professor e licenciando (WARSCHAUER, 2001).

Quando narram suas histórias de sala de aula, contam cenas de um trabalho coletivo, em que aprendem um com o outro. Pode-se observar essa parceira em duas histórias de sala de aula da professora Édina. Inicialmente, ela conta na história a primeira visita de dois licenciandos na sua sala de aula, apresenta a cena e o ato:

[...] na última aula ficamos desapontados. Sim, os meninos resolveram fazer o estágio no PROEJA, mas na primeira visita ao colégio, encontraram a sala sem alunos, ninguém compareceu na primeira meia hora de aula, e apenas uma aluna chegou mais tarde. Espero que os novos licenciandos acreditem que as outras aulas serão melhores, pois é muito bom tê-los conosco.

A professora, diante do ato narrado, termina a história buscando acolher e estimular os licenciandos, dizendo que as outras aulas serão melhores. Os atores envolvidos foram os licenciandos, a professora e uma aluna. A sala de aula que configura essa história é a do ensino noturno, em que é um desafio conseguir presença em aula. A professora relata uma cena que precisaria ser analisada de forma a conseguir maior presença. Como fazer que os alunos do Proeja venham para a escola? Como fazer para que os licenciandos aprendam a se perceberem comprometidos com a situação, que pode parecer de desmotivação? Um problema sério é narrado nessa cena, que mostra um cenário que precisa ser problematizado.

Em outra história, a professora Édina conta a cena e o ato quando narra que no “[...] início do semestre, fiquei um pouco perdida ao passar as turmas para as licenciandas, o que faço agora? Ontem duas alunas foram pedir atendimento, pois tem prova na sexta-feira. Apareceram com a lista de exercícios que a licencianda deixou no xérox [...]”. Diante desse ato narrado, a professora conta que está aprendendo a ser formadora. Ao mesmo tempo em que não quer ser invasiva, não quer abandonar seus alunos. Os agentes dessa história são a professora, as licenciandas e duas alunas. A professora reforça sua importância ao ser procurada pelas aulas da estagiária, bem como seu processo de aprendizagem nessa proposição de formação.

Na história da professora Ana, ela conta duas cenas em que as licenciandas também assumiram sua turma.

[...] na segunda pela manhã, chego na sala da 310 toda alegre por rever os alunos e eles nem me deixam falar e já me perguntam pela licencianda. Na segunda, à noite na 312, a mesma coisa aconteceu. Como ato conta que [...] nem quiseram assunto comigo. Ainda falaram que tinham novas professoras! Fico muito satisfeita com a reação dos alunos com elas. Isso quer dizer que todo o trabalho que realizamos no primeiro semestre valeu à pena. Elas transmitem muita confiança a eles e isso é muito positivo.

O ato narrado mostra a relação que a professora conseguiu estabelecer com as licenciandas e a confiança que elas conquistaram com os alunos. A professora situa o tempo em que ocorreu a narrativa, depois das férias de julho. Os agentes dessa história foram a professora, os alunos e as licenciandas. De certa forma, a maneira como a professora narra mostra um ciúme que quer ser contado, por as licenciandas estarem sendo consideradas como professoras. Porém, mostra sua satisfação pelo trabalho realizado não só com os alunos, mas como formadora dessas futuras professoras.

Percebe-se que as cenas narradas pelas duas professoras se assemelham, pois estão vivenciando a experiência de entregar suas turmas para que as licenciandas assumam por um semestre. A professora Édina, na cena narrada, conta que duas alunas foram tirar dúvidas com ela. Conta que está aprendendo e que não quer ser invasiva

e nem abandonar a turma, mas fica confusa. Na cena da professora Ana, os alunos mostram-se confiantes no trabalho das licenciandas. Ela destaca seu trabalho para essa relação de confiança.

Esse cenário da relação do professor e do licenciando também esteve presente na história da sala de aula da professora Andréia, que apresenta a seguir os agentes e a cena dessa narrativa:

[...] três dos meus licenciandos se envolveram em arrumar o laboratório, contaram com o meu apoio e do diretor. Conta como ato que [...] esse espaço estava sendo utilizado para guardar mesas e cadeiras, livros didáticos e computadores velhos [...] os licenciandos fizeram levantamento dos materiais que este laboratório possui e agora estão organizando algumas atividades experimentais trabalhadas nos estágios para serem desenvolvidas em aula.

Percebe-se, nessa história, que o ensino público muitas vezes não prioriza o laboratório e acaba usando o espaço como depósito de livros, cadeira e monitores. Mas, nessa história, o final é outro, pois os licenciandos têm a iniciativa de arrumar o laboratório da escola e contam com o apoio da professora e do diretor. Depois de organizar e fazer o levantamento dos materiais, utilizam o espaço para planejar e desenvolver suas aulas experimentais.

Nesse cenário, as histórias de sala de aula narradas pelas três professoras mostram que é possível um processo formativo entre professor experiente e professor iniciante. Contam sobre uma sala de aula em que se partilham saberes sobre ser professor e as experiências vivenciadas com os licenciandos ao assumirem suas turmas. O cenário também conta o trabalho coletivo com a professora, com o diretor da escola e com os licenciandos em organizar o laboratório da escola e desenvolver atividades nesse espaço.

Argumenta-se, neste cenário, que é preciso que o professor do ensino básico e o licenciando estejam nas Rodas de Formação, quando o professor da universidade favorece a mediação e os dispositivos formativos, como a escrita de histórias, que potencializam a constituição do professor de Química.

Cenário três: aulas experimentais

Na sala de aula de Química das escolas públicas, observa-se que as atividades experimentais são pouco realizadas. As razões apontadas pelos professores para não desenvolver aulas experimentais são a falta de tempo, a ausência de laboratório na escola, o número elevado de horas e a dinâmica da escola.

Para que esse cenário seja discutido e repensado, torna-se relevante que professores de Química estejam em processo de formação permanente, durante o qual as atividades experimentais possam ser problematizadas e compreendidas como um processo dinâmico permeado pelas ferramentas culturais, entre elas o diálogo crítico, a leitura e a escrita.

As Rodas de Formação do Pibid possibilitaram que esse cenário pudesse ser apresentado, pois ele promove um espaço de aprendizagem de conceitos e de elaboração de atividades para serem desenvolvida na sala de aula. Os professores do ensino básico, em parceria com os licenciandos, conseguem nesse espaço promover aulas diferenciadas; pode-se perceber isso pelas histórias de sala de aula de três professoras narradoras. Elas contam cenas, agentes e atos que possibilitam a construção de um cenário que expressa a aprendizagem dos alunos, dos licenciandos e do professor no desenvolvimento das aulas experimentais.

Inicia-se a apresentação desse cenário com a história da professora Ana, que apresenta a seguinte cena: “[...] uma quarta-feira do mês de setembro as licenciandas aplicaram uma aula prática para meus alunos do primeiro ano da escola Lilia Neves. Turma que elas já acompanham praticamente desde o início do ano”. Como ato, conta que:

[...] fomos todos para o laboratório da escola, elas aplicaram a prática da gasolina. Anteriormente conversamos com os alunos e sugerimos que eles trouxessem amostras de gasolina de postos diferentes para fazermos os testes. Eles, ansiosos com a aula e também muito curiosos com os resultados que iriam encontrar atenderam ao pedido. Prestaram muita atenção e ao mesmo tempo olhavam para mim esperando

que eu confirmasse os fatos. Fiquei calada e disse que a aula era de responsabilidade delas. Fizeram a prática e chegaram aos resultados. Os alunos ficaram bastante surpresos com a aula e participaram ativamente (set. 2009).

Os atores envolvidos nessa história são os alunos, os licenciandos e a professora. Nessa aula experimental, a professora conta o interesse e a curiosidade dos alunos com a atividade experimental. Narra a história como observadora, mas, ao mesmo tempo, mostra seu papel de professora da turma, pois os alunos a olhavam para confirmar os fatos. Conta que fica quieta, deixando os licenciandos exercitarem o papel de professores, embora os alunos a considerem como a autoridade.

A professora Andréia narra também uma história em que ela observa uma aula de seus licenciandos; conta a seguinte cena e o ato:

Durante as aulas experimentais dos licenciandos, fico muito satisfeita ao perceber o entusiasmo dos alunos em observar atentos os experimentos que são realizados e questionar o que vêem, comparam com outras situações vivenciadas por eles. Penso que os licenciandos também saem das aulas satisfeitos, talvez com muitas interrogações na cabeça ou novas idéias. Após essas aulas, os alunos sempre me perguntam quando terão aula assim novamente. A maioria adora e consegue relacionar com os conceitos que já foram estudados. Eu que gosto tanto de aula experimental praticamente não faço em minhas aulas, isso até me frustra um pouco, mas é que para dar uma aula dessas exige preparo de material, testar com antecedência e estudo sobre o que se quer abordar ou problematizar com essa aula, ou seja, também precisa um planejamento. Quando temos que atender mais de uma turma ao mesmo tempo, sair de uma aula e ir para outra fica difícil carregar o material e limpá-lo, mas mesmo assim ainda é possível (maio 2009).

Nessa história, a professora conta o entusiasmo dos alunos com as aulas experimentais; conta que também gosta das atividades experimentais, mas que não consegue realizá-las, pois exige tempo para preparo do material, teste, estudo e planejamento. A professora fica frustrada, mas não encontra a solução, como realizar experimentações, carregar materiais e limpá-los no contexto escolar em que está inserida, em que muitas vezes precisa atender duas turmas ao mesmo tempo.

Finaliza com a esperança de conseguir fazer aulas experimentais, pois acredita que é possível. Os agentes são a professora, os licenciandos e os alunos.

Percebe-se na história da professora Édina que as atividades experimentais, quando problematizadas, envolvem os alunos. Ela inicia sua história apresentando uma cena de quando era aluna da graduação e conta que:

[...] alguns anos atrás, participei de uma aula na condição de aluna, o professor fez uma experiência com uma balança artesanal de dois pratos, presa ao teto da sala, e solicitou aos alunos que fizessem previsões sobre o que iria ocorrer ao queimar diferentes tipos de materiais. Ela segue e conta que gostou tanto da atividade que resolveu desenvolver com os alunos [...] houve grande envolvimento dos estudantes durante a aula, que demonstraram ter gostado de como o tema fora abordado.

Finaliza a história da seguinte maneira:

Recentemente, deparei-me com uma situação em que deveria escrever sobre a experimentação no ensino de química, foi então que percebi o quão significativa havia sido aquela experiência, e ainda o grande potencial da mesma, pois acredito que eu a havia utilizado sem uma reflexão mais detalhada, não percebendo todos os aspectos facilitadores da aprendizagem ali presentes (ago. 2009).

Nessa história, a professora apresenta três cenas: a aula experimental na graduação, a aula experimental na sua sala de aula e a escrita sobre a experimentação. Os agentes envolvidos nessas cenas foram o professor da graduação, a professora e seus alunos. Pode-se perceber que, nas cenas e nos atos narrados, o pano de fundo da história era a atividade experimental que vivenciou na graduação e que possibilitou contar outras cenas que favoreceram a aprendizagem da professora e dos seus alunos.

As narrativas que caracterizam esse cenário possibilitam observar que o trabalho com os licenciandos favorece o desenvolvimento de aulas experimentais. Na sala de aula da professora Édina, as atividades experimentais parecem estar presentes nas suas práticas pedagógicas. Mas observa-se que as três professoras apostam em aulas experimentais, só que, nem sempre, desenvolvem devidamente o contexto da escola em que estão inseridas.

Argumenta-se nesse cenário que as atividades experimentais, quando realizadas em parceria com os licenciandos, possibilita que as professoras do ensino básico desenvolvam-nas, o que nem sempre é possível devido a diferentes fatores, como preparar, testar, carregar e limpar os materiais. Que tempo os professores têm quando precisam assumir duas turmas em um mesmo período e atuar em duas ou mais escolas? Quando estão nas Rodas de Formação, percebem que conseguem, encontram espaço para planejar as atividades experimentais de forma a desenvolver ferramentas culturais, como: leitura, escrita e pesquisa; também conversam a respeito da relação teoria e prática e narram nas histórias as aulas experimentais que realizaram durante a formação.

Considerações finais

Compreender o processo de formação permanente por meio das histórias de sala de aula possibilita pesquisar e interpretar o espaço escolar em que os educadores estão inseridos, a partir da leitura e do diálogo com as histórias. Dessa forma, acredita-se na potencialidade da escrita narrativa nas Rodas de Formação, pois percebe-se que o grupo sente-se pertencente a esse espaço, podendo partilhar suas experiências e vivências da prática docente por meio da contação de histórias de sala de aula.

Os cenários presentes nas histórias de sala de aula das seis professoras narradoras possibilitaram perceber as diferentes cenas narradas, os agentes envolvidos e os atos que fizeram parte das tramas que contam de cada sala de aula. Narram momentos que mostram o processo de formação ocorrendo, pois planejam e se desafiam a fazer aulas diferentes. Em outras histórias, terminam sem ter resposta e solução para situações vivenciadas na sala de aula, assim compartilham com os professores as angústias e os dilemas enfrentados no cotidiano da escola.

Analisar as histórias das professoras por meio do quinteto dramático de Burke possibilitou compreender as características dessas narrativas e perceber semelhanças que constituíram-se em

cenários formativos que, em cada cena, agentes e ato caracterizavam a sala de aula narrada.

Os cenários possibilitaram a construção de argumentos em favor das Rodas de Formação e da escrita de histórias de sala de aula, pois é nas Rodas que as professoras planejam, desenvolvem atividades, refletem, narram e conversam sobre suas práticas formativas e pedagógicas. Contam nas histórias o desenvolvimento das situações-problema, o que favoreceu um trabalho coletivo entre as professoras do ensino básico, os licenciandos e os professores da universidade. Narram a sala de aula com os licenciandos, a parceria estabelecida e as aprendizagens partilhadas. Nesse processo formativo, contam histórias sobre as atividades experimentais que realizam com seus licenciandos, seus dilemas por não desenvolver aulas experimentais e as aprendizagens dessas aulas para professores e alunos.

Assim, as histórias permitem perceber as Rodas de Formação em diferentes situações: a situação-problema, que permite a tomada de decisão e a construção de argumentos entre os atores sociais (os alunos) frente à problemática planejada pelos professores do ensino básico e licenciandos; o processo formativo do professor com o licenciando, que possibilita o aprender com o outro nas partilhas de saberes sobre ser professor; e as realizações de atividades experimentais na sala de aula da educação básica, que possibilita que os professores da escola desenvolvam em parceria com os licenciandos, pois quando estão sozinhos dificilmente desenvolvem, devido o cotidiano da escola em que estão inseridos.

Dessa forma, os argumentos apresentados permitem que as Rodas de Formação sejam potencializadas pela escrita narrativa, pois nesse exercício de narrar a sala de aula e partilhar suas histórias, contando sobre as cenas, os atos e os diferentes agentes envolvidos nesses contextos, é que se configuram cenários formativos, o que permite aprender e constituir-se como professor de Química, no sentido de formação, formando-se nas Rodas.

Recebido em 31/08/2010

Recomendado pela Comissão em 13/07/2011

Aprovado em 31/10/2011

Referências bibliográficas

AULER, D. Enfoque Ciência – Tecnologia – Sociedade: pressupostos para o contexto brasileiro. *Ciência & Ensino*, v. 1, n. especial, nov. 2007.

BRUNER, J. A Cultura da Educação. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

BURKE, K. A Grammar of motives. Berkeley: University of California Press, 1969.

BURKE, K., 1969 *apud* WERTSCH, J.; DEL RÍO, P.; ALVAREZ, P. Estudos socioculturais: história, ação e mediação. In: WERTSCH, J.; DEL RÍO, P.; ALVAREZ, P. (Orgs.). Estudos Socioculturais da mente. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

GALIAZZI, M. C.; GARCIA, F.; LINDEMANN, R. Construindo Caleidoscópios - organizando unidades de aprendizagem. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. (Orgs.). Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Unijuí, 2004.

MORAES, R.; GOMES, V. Uma Unidade de Aprendizagem sobre Unidades de Aprendizagem. In: GALIAZZI, M. do C. *et al.* (Orgs). Construção Curricular em Rede na Educação em Ciências: uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Unijuí, 2007.

PASSOS, J. L. Ruínas de Linhas Puras: quatro ensaios em torno de Macunaíma. São Paulo: Annablume, 1998.

SOARES, E. A arte de escrever histórias. Barueri, São Paulo: Manole, 2010.

SOUZA, M. Histórias de constituição e ambientalização de professores de química em rodas de formação em rede: colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. 2010. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.

SUÁREZ, D. A documentação narrativa de experiências pedagógicas como estratégia de pesquisa – ação – formação de docentes. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. (Orgs.). Narrativas de formação e saberes biográficos. São Paulo: Ed. Paulus, 2008.

WARSCHAUER, C. Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2001.